

MEU MELHOR POEMA

Meu melhor poema. Você quer saber qual é o meu melhor poema. Vocês, jornalistas, têm disto: sempre querem saber qual é o melhor, o maior, o mais vendido, o mais famoso. Tem gente que não gosta destas perguntas, sabe? Mas não é o meu caso. Acho que você tem o direito de perguntar o que quiser. E vou responder, sim. Por que não? Vou responder.

O meu melhor poema... Sim. Deixe-me primeiro contar como o escrevi, o meu melhor poema. A história é interessante.

Eu estava na cadeia. Preso político: o ano era 1972, eu tinha assinado um manifesto qual-quer e estava na cadeia, aguardando inquérito, sob os cuidados de um tal capitão Bento.

Ah, Deus, era sádico, aquele capitão Bento. Torturador famoso: os outros presos contavam histórias horripilantes a seu respeito. Provavelmente verdadeiras. Pelos gritos que a gente ouvia, vindos do porão, as histórias eram provavelmente verdadeiras.

Um dia o capitão Bento mandou me chamar. Confesso que gelei. Até então não tinha

sido interrogado, e tudo indicava que chegara a minha vez. Preparei-me, portanto, para o pior. Dei aos companheiros o nome e o endereço de minha mulher, pedi-lhe que a avisassem caso eu não voltasse. E, acompanhado pelo guarda, desci ao porão.

Ali estava o capitão: um homem baixo muito forte, moreno, bigodudo, olhinhos cruéis.

— Você é o poeta? — perguntou.

Estranhei, mas respondi: sim, sou o poeta. Ele então mandou que todos saíssem. E aí voltou-se para mim: não se assuste, disse, não vou torturar você. Pensou um pouco e acrescentou:

— Desde que você colabore comigo.

Achei que ele ia me pedir para entregar alguém, mas — nova surpresa — não era isso. O que ele queria era outra coisa, e quando disse fiquei boquiaberto:

— Quero que você escreva uns versos para mim.

Explicou: havia um concurso de poesias em sua cidade natal, onde não ia há muito tempo, e ele decidira concorrer — sempre quisera ser poeta e até espalhara entre os contrerrâneos que tinha muitos versos na gaveta. Agora chegara o momento de mostrar o seu talento. E para isto contava comigo. Se eu escrevesse uns

versos ele me pouparia. Não me soltaria — isso não podia fazer —, mas não me torturaria.

Passado o instante inicial, uma enorme raiva me envolveu. Ali estava o filho da puta, o suposto defensor da lei e da ordem, querendo me envolver numa falcatrua. Disse que não escreveria porra nenhuma.

Ele fechou a cara. Abriu a porta, chamou os ajudantes:

— Preparem o cara.

Fui torturado. Deus, como fui torturado.

Cigarro aceso no peito, mangueira d'água no rabo, tudo que você pode imaginar. Finalmente, não aguentei mais: está bem, eu disse, farei o que você pede.

Ele mandou os homens saírem, pegou um bloco e uma caneta, mandou que ditasse. Eu pensei um pouco, achando que não ia sair nada. Mas de repente um poema me ocorreu, um poema belíssimo. Fui ditando, verso após verso, a voz entrecortada enquanto ele anotava febrilmente, às vezes pedindo que eu repetisse as palavras que não entendia.

Não sei se ganhou a porra do concurso.

Sei, sim, que aquele foi o meu melhor poema. Disparado o melhor.

Como era? Como era o poema? Pois isto é o pior de tudo: não lembro. Aliás, se lembrasse não adiantaria, porque o tal poema já tem autor.

Não, não lembro, e não tenho como lembrar. Nem ao capitão Bento posso perguntar, ele morreu há muito tempo.

Lembro, sim, de meus gritos e gemidos. Se quiser, posso repetir para você. Mas gritos e gemidos não fazem um poema. E mesmo que fizessem, não há maneira de reproduzi-los na página escrita. São como o topo do iceberg, a única manifestação visível da enorme massa de sofrimento da qual nascem todos os nossos poemas, os nossos melhores poemas. Deus, não é má essa frase, hein? Não é má. Não chega a dar poema, mas não é má.

IN: SCLAR, Weacyr. "Pai e Filho, Filho e pai e outros contos escolhidos". Porto Alegre: L & PM, 2010, pag. 88-91.